Suplemento literario do Diario de Lisbôa 3-5-935

Algumas conclusões criticas

do movimento literario modernista

Entende-se por movimento modernista aquele que veio orientar a arte para um sentido revolucionario, ou seja, aquele que transformou o artista em criador do seu próprio e autónomo metodo artistico. Quere dizer: —até certa altura, o primeiro dever do artista era a obediencia á formula clássica de reprodução artistica. O modernismo, consequencia lógica dos manifestos de Marinetti, veio prégar a desobediencia, libertando os artistas da grilheta clássica. (Entendo, aqui, por classicismo, apenas a forma classica; não o seu espirito.) Foi com o *Orfeu* e, depois, com a *Contemporanea*, que a palavra de revolta se propagou e que uma nova geração de artistas se afirmou. Hoje em dia, com a *Presença* e, até certo ponto, com o *Momento*, o movimento apresenta-se triunfante, desafiador, quasi definitivamente vitorioso.

E' em volta dos seus representantes mais conhecidos que estas notas rapidas e apressadas vão tentar-se. Na altura em que, na própria Russia dos Sovietes, o movimento encontrou admiravel eco,—e friso o facto porque entendo que o movimento modernista é, fundamentalmente, um movimento de indisciplina artistica, —é conveniente, para compensação de outros desaires, olhar com admiração o nosso panorama literario modernista porque, sem duvida, ele é dos melhores da Europa.

Pode dizer-se, com verdade, que foi em Paris que o movimento começou. Almada, Santa Rita pintor, Mario Sá Carneiro, José Pacheco e outros trouxeram, para Lisboa, o espirito que, por volta de 1900 e tantos, apaixonou os escritores. Mas, se nasceu em Paris, á sombra da atmosfera revolucionaria dos seus escritores, devo concluir que o movimento, em Lisboa, se emancipou das influencias tornando-se inteiramente original. Nessa primeira época, que vai até á *Presença*, afirmaram-se as bases revolucionarias, num sentido de franca desobediencia aos canones literarios e artisticos tradicionais. Salvo os casos poeticos de Mario Sá Carneiro e de Fernando Pessoa, os exemplos que podem colher-se das paginas do *Orfeu*, e de certas obras padrões, *(verbi gratia, a Invenção do dia claro* de Almada), são pura e simplesmente revolucionarios. Quere dizer:—um unico objectivo os dirigia, os encaminhava: era protestar contra as formulas de *reprodução*, que são preconceituosas, em favor dos direitos de *criação*, que são originais e sinceros. Isto, que é quasi tudo, veio chamar a terreiro a discussão sobre a sinceridade em arte, sobre a qual ainda hoje se bordam considerações inteligentes, de desaprovação, que não convencem ninguem. Na verdade, sinceridade e arte são causa e efeito obrigatorios. Eis a deficiencia da concepção clássica que queria obrigar, não só á obediencia da *forma* mas tambem á da sua *concepção* de vida, os murmulhos artisticos indefenidos que são a essencia da produção artistica.

Abandono este assunto, por agora, para continuar afirmando que, graças ao *Orfeu*, se formou em Portugal um movimento literario e artistico modernista, ao qual, recentemente, a *Presença* veio oferecer um objectivo. Mario Sá Carneiro, publicando a *Dispersão* e uma formosa colectanea de novelas *Ceu em fogo*, e deixando quasi inéditos os seus admiraveis *Indicios de oiro*, veio marcar um passo adiante á notavel experiencia da *Clepsidra*, de Camilo Pessanha. Vou dizer porquê. A ambos os caracteriza, marcadamente, um fito musical, ritmico, e uma necessidade psicologica de confidencia, de descoberta intima. Pessanha, opiado com as estalactites do seu sonho oriental, guardou o seu intenso grito, de dôr e tédio, em versos cantantes, de arquitectura gótica. Sá-Carneiro, onde varias personalidades lutaram, foi o artista por excelencia, o realizador formal mais eloquente que, possivelmente, a nossa historia literaria conheceu. Isso não obstou a que, em certos poemas da *Dispersão*, o mesmo grito de tédio de Camilo Pessanha se fizesse ouvir, com a mesma angustia. Com uma diferença: Pessanha foi um precursor, Sá-Carneiro um realizador: o que permite afirmar-se que, no poeta da *Clepsidra*, o seu grito existiu em função das suas pompas formais e, no autor dos *Indicios de oiro*, em função das suas originalidades musicais. Sintetisarei, afirmando que o primeiro era profundamente um realizador de beleza, e o segundo um realizador de sons.

Fernando Pessoa, o supra-lirico mais curioso da Europa, cujo in-humanismo dá á sua poesia o atrevido misterio das altas aspirações intelectuais, foi, e é, sem duvida, de toda essa geração, o que mais galhardia original imprimiu ao movimento. Os *English poems*, considerados na imprensa literaria dos centros europeus como um curioso documentario de, até então, desconhecidas emoções intelectuais, (hoje confirmadas na *Mensagem)*, foram a primeira vitoria portuguesa (apesar de escritos em inglês), de emancipação ao espirito revolucionario de origem. Uma legião de jovens, entre os quais se distinguiram, desde logo, Mario Saa Raul Leal, Carlos Queiroz e José Régio, assinalaram, tambem, diferentes cambiantes desse movimento em marcha. Em que sentido? Antes de tudo, proclamando uma desobediencia declarada á métrica, á velha poética esfalfada e inutil. Depois, visando a descoberta da propria personalidade integral. Por isso, pode já dizer-se que o modernismo é, sem duvida (no bom sentido dos termos), um movimento de intenso *egotismo* e *totalitarismo*. O artista, para todos os seus representantes, tem de ser *total*, isto é, que revelar-se em todas as suas facetas humanas e in-humanas.

Nessa época, Antonio Ferro dirigira-se ao Brasil, prégando a revolta, em notaveis conferencias, ainda mal apercebido dos seus notaveis recursos formais. Almada, afirmara-se desde logo, o primeiro desenhador português, ainda quando Mario Eloy, Julio e Tom não existiam, como artistas e como pintores. Enfim:—foi a fase da propaganda, o grito de revolta contra a rotina, a boémia artistica que, sempre, afirmou a glória do triunfo.

Veio a *Presença*, ainda nos meus dias de *caloiro* de Direito, e a grande revelação poética do nosso tempo, José Régio, num ensaio notavel: *Literatura viva, literatura livresca:* marcou os primeiros objectivos e os primeiros coeficientes de correcção. João Gaspar Simões—que não me canso de considerar como umas das mais brilhantes personalidades criticas e literárias contemporaneas,—condensou, em ensaios sádios, uma direcção critica que ainda hoje é a da *Presença*. Alguns seus colaboradores desconhecidos, Adolfo Rocha, Edmundo de Bettencourt, Branquinho da Fonseca, Rui Santos, Fausto José, e tantos outros, associaram os seus pontos de vista artisticos em camaradagem com Fernando Pessoa, Antonio Botto, Antonio de Navarro, Mario Saa, Carlos ueiroz, que já vinham do *Orfeu* ou da *Contemporanea*. Veio, depois de todos, mas a tempo de marcar uma posição inédita, Adolfo Casais Monteiro, critico criador de rumos, poeta mais critico ainda que Valéry, ensaista de larga e conhecida envergadura, de quem todos aguardamos, ansiosamente, o seu ensaio sobre Eça de Queiroz.

Hoje em dia não pode negar-se á *Presença* a grande responsabilidade literária que lhe compete. Essa revista foi uma disciplinadora das, até então, aragens modernistas revolucionarias. José Régio, nos *Poemas* e na *Biografia*, marcou, para sempre a sua posição poética na literatura portuguesa e, continuando as tradições de Sá Carneiro, afirmou-se, ao mesmo tempo, artista de ourivesaria formal e criador de temas humanos inéditos.

Na sua poesia perpassa a angustia e a simplicidade, a vida alacre e o desespero. Sonetista primoroso, em muitos pontos superior a Antero, troca a serenidade formal do figurino clássico pela rajada violenta dos seus comentarios á vida. Salvo o caso de Rilke, não conheço na Europa quem se lhe assemelhe, em beleza adquirida e em violencia de sentimentos. Na sua direcção, Carlos Queiroz e Antonio de Navarro caminham, com segurança, para uma ambição formal que se poderá chamar sinfónica. Queiroz, mais descritivo, Navarro, mais musical.

Adolfo Casais Monteiro tem, em Alberto de Serpa, um notavel continuador. Edmundo Bettencourt, poeta cada vez mais desconhecido apesar do seu glorioso talento, caminha para um sur-realismo que me parece, na sua personalidade, paradoxal.

No romance, José Régio e Gaspar Simões ofereceram-nos, recentemente, dois aspectos contraditorios. No *Jogo da Cabra Cega*, Régio continua as tradições que distinguem os seus poemas. Nos *Amores infelizes*, Simões mostra-se de novo o mesmo arguto critico dos *Temas* e do *Misterio da poesia*. No ensaio, os três directores da *Presença* merecem referencia especial, pelo seu cunho de observação e de cultura, merecendo-a tambem Albano Nogueira, pelas suas prodigiosas qualidades. Devo a Albano Nogueira uma *injustasinha* referencia desprimorosa. Aqui o declaro, para se não duvidar da sinceridade do meu elogio.

Fora da *Presença*, merece referencia demorada Fernanda de Castro, apesar de tão injustamente esquecida nas citações dos nossos modernistas. A insigne poetisa da *Cidade em flor* e do *Jardim*, mais conhecida do publico como aguarelista extraordinaria, irmã gêmea de Cesario Verde, é, sem duvida uma das mais notaveis afirmações liricas do nosso tempo e da nossa historia literária. Os seus versos, têm o estilo dos cantares de amigo, e são, como eles, sádios na sua mocidade, na sua frescura formal e na simplicidade emotiva dos seus temas.

O seu recente livro de poemas *Daquem e dalém alma*, veio revelar novas facetas á personalidade lirica de Fernanda de Castro, em cuja voz poética, como na de D. Diniz, está a voz da natureza florida, em todos os cambiantes e murmurios. Aguarelista minuciosa, os seus poemas, por vezes, traem a nota sentimental feminina. Isso lhe dá categoria de critica das suas próprias descrições. Cito-a, entre os modernistas, pela mesma razão por que Cesario é citado. Ambos, até certo ponto, representam uma qualidade dos modernistas: a pormenorização psicologica, evidenciada a propósito da mais inocente descrição.

A novissima geração encontrou, no *Momento*, as primeiras manifestações de concordancia á direcção anterior. Artur Augusto publicou a *Imagem*, livro de ensaios que merece uma referencia especial pelo que nos revela das suas próprias exigencias artisticas. Esses ensaios, escritos com preocupações criticas, nem sempre (estou disposto a afirmar que quasi nunca) o conseguem. Eles são, brilhantemente, uma auto-critica, assinalando a sua indisciplina intelectual e emocional. Marques Matias e Mario Fiuzza, muito ligados por afinidades, dão-nos admiraveis poemas, escritos com subtilesa e rara intuição poética. José Augusto, se quizer corrigir-se, pode ser o grande novelista do *Momento*.

Para isso, aconselho-lhe maior fôlego literario, mais cautela na educação emocional e menos adoração pelos helenismos perturbantes. Outros nomes, para quê? O meu intuito foi assinalar, nesta mancheia de notas a rica posição literaria dos nossos modernistas, ainda mal conhecidos, salvas excepções, do nosso publico e dos nossos editores. Oxalá chamando sobre eles a atenção dos leitores, eu consiga o unico prémio que desejo...

MANUEL ANSELMO